

FONSECA, S. R.; FINGER, I. A interpretação simultânea Libras-Português: um panorama sobre teorias de interpretação com contribuições da Psicolinguística. *ReVEL*, edição especial, v. 21, n. 20, 2023. [www.revel.inf.br]

A INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA LIBRAS-PORTUGUÊS: UM PANORAMA SOBRE TEORIAS DE INTERPRETAÇÃO COM CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLINGUÍSTICA

Sandro Rodrigues da Fonseca¹
Ingrid Finger²

sandrofnc@gmail.com
finger.ingrid@gmail.com

RESUMO: O presente artigo visa refletir sobre a interpretação bimodal Libras-Português, adotando uma abordagem multidisciplinar fundamentada em teorias dos Estudos da Interpretação, Estudos Surdos, Estudos Linguísticos das línguas de sinais e a Psicolinguística. A pesquisa propõe uma análise crítica, contemplando questões históricas relacionadas à interpretação, a definição das características intrínsecas desse processo, o papel fundamental da formação, a necessidade de compreender a complexa inter-relação entre o linguístico e o tradutório, e, por fim, os elementos cognitivos que sustentam essa prática. Reconhecendo a interpretação como um objeto de estudo historicamente complexo, argumenta-se que a formação necessária deve abranger uma ampla gama de aspectos para oferecer uma base sólida a esse campo, levando em consideração tanto as peculiaridades linguísticas quanto os fundamentos cognitivos envolvidos no processo interpretativo. Essa abordagem visa contribuir para o avanço teórico e prático da interpretação Libras-Português, fornecendo insights valiosos para aprimorar a formação de profissionais neste domínio.

PALAVRAS-CHAVE: interpretação Libras-Português; estudos da interpretação; linguística das línguas de sinais; psicolinguística.

ABSTRACT: This article aims to discuss bimodal Libras-Portuguese interpretation by adopting a multidisciplinary approach grounded in theories from Interpretation Studies, Deaf Studies, Linguistic Studies of sign languages, and Psycholinguistics. The research proposes a critical analysis, encompassing historical issues related to interpretation, the definition of intrinsic characteristics of this process, the fundamental role of education, the need to understand the complex interrelation between linguistic and translational aspects, and, finally, the cognitive elements that underpin this practice. Recognizing interpretation as a historically complex object of study, the authors claim that necessary training must cover a broad range of aspects to provide a solid foundation for the field, considering both linguistic peculiarities and cognitive foundations involved in the interpretative process. This approach aims to contribute to the theoretical and practical advancement of Libras-Portuguese interpretation, offering valuable insights to enhance professional training in this domain.

KEYWORDS: Libras-Portuguese interpreting; interpreting studies; sign language linguistics; psycholinguistics.

¹ Doutor em Letras em Psicolinguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

² Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Professora Adjunta do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Introdução

Este artigo oferece uma visão abrangente da prática da interpretação, com foco especial no contexto bimodal do bilinguismo em línguas de sinais. Investigamos as concepções teóricas que delineiam o funcionamento da interpretação simultânea e consecutiva, considerando tanto línguas orais quanto línguas de sinais. Para isso, contextualizamos a formação de Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais (TILS) sob uma perspectiva histórica, para a seguir partir para uma abordagem considerando as bases linguística e cognitiva da interpretação. Ao examinar essas dimensões, buscamos fornecer uma compreensão mais profunda das complexidades envolvidas no processo interpretativo bimodal, contribuindo assim para o avanço teórico e prático nesse campo. O estudo destaca a importância de uma abordagem multidisciplinar para a formação de TILS, considerando não apenas os aspectos linguísticos, mas também os fundamentos cognitivos subjacentes à interpretação.

1 A interpretação como objeto histórico

Os registros históricos elucidam que, para estabelecer comunicação e facilitar o comércio entre culturas distintas, em determinadas circunstâncias, era comum designar um indivíduo para integrar a comunidade alvo, a fim de assimilar os costumes e a língua, capacitando-se, assim, a desempenhar um papel facilitador nas negociações. No entanto, é imperativo compreender que a reorganização global subsequente às duas grandes guerras mundiais do século XX exerceu uma influência significativa na concepção dessa prática, particularmente evidenciada nos processos judiciais que sucederam a Segunda Guerra Mundial e na configuração da ação comunicativa intermediada, denominada contemporaneamente como 'interpretação profissional' (Baigorri Jalón; Mikkelson; Olsen, 2014).

Os julgamentos pós-guerras mundiais introduziram uma dinâmica na qual indivíduos bilíngues, detentores de profundo conhecimento em duas línguas, emergiram como intermediários cruciais em processos judiciais de elevada importância e tensão. Esse fenômeno deu origem a categorias fundamentais no entendimento da interpretação, inicialmente evidenciadas na prática da interpretação consecutiva. Nesse contexto, intérpretes registravam as declarações processuais para, posteriormente, interpretá-las de maneira sequencial.

Diante da demanda temporal desse método, avanços tecnológicos possibilitaram uma solução inovadora: a implementação de cabines equipadas. Essas

estruturas permitiam que os intérpretes ouvissem de forma nítida as informações, possibilitando a transmissão simultânea para uma audiência que acompanhava a interpretação por meio de fones de ouvido. Essa técnica, adotada até os dias atuais, conquistou destaque nas negociações políticas na Organização das Nações Unidas e no Parlamento Europeu entre 1945 e 1946, estabelecendo-se como o paradigma para encontros multilíngues em escala global.

Dessa forma, a interpretação passou a transcender sua função inicial de mera comunicação intermediada, evoluindo para uma profissão intrinsecamente vinculada a conhecimento, habilidade técnica, ética e profissionalismo.

A configuração da profissão de intérprete de línguas de sinais, por sua vez, se insere em uma sequência de eventos históricos intrinsecamente vinculados à batalha das comunidades surdas pelo reconhecimento de suas línguas e culturas. Esse movimento também reflete o desejo de emancipação em relação à figura do ouvinte bilíngue bimodal, que, embora historicamente sempre tivesse desempenhado o papel de intermediário na comunicação, frequentemente carecia do comprometimento e postura profissional esperados de intérpretes de línguas orais (Cokely, 2005).

No contexto da interpretação entre línguas de sinais e línguas orais, há registros de práticas interpretativas durante banquetes promovidos pela comunidade surda na França do século XVII. Tais eventos tinham como propósito compartilhar a cultura surda e resistir às possíveis influências da filosofia oralista prevalecente na época (Groce, 1985; Ladd, 2003).

Ao longo de sua trajetória histórica, a comunidade surda enfatizou o reconhecimento político das línguas de sinais como línguas naturais. Além disso, propugnou pela consideração de escolas de surdos como instituições bilíngues, nas quais a língua de sinais poderia ser empregada, em contraste com espaços educacionais nos quais os sistemas de comunicação reproduziam uma versão sinalizada da língua oral ou favoreciam exclusivamente a filosofia oralista na interação entre surdos e ouvintes (Ladd, 2003).

Para viabilizar essa luta, os surdos se mobilizaram em organizações políticas, demandando a presença de mediadores entre a língua oral e a língua de sinais. Entretanto, o papel destes mediadores evoluiu à medida que a comunidade surda aspirava à autonomia. Inicialmente desempenhado por pessoas ouvintes bilíngues não profissionais, como familiares, professores, assistentes sociais e religiosos, esse

papel transitou para uma configuração mais profissionalizada com o amadurecimento gradual da comunidade (Cokely, 2005).

Dessa forma, a comunicação entre surdos e ouvintes passou a transcender a abordagem assistencialista representada por familiares, professores, assistentes sociais e religiosos. O conceito de intérprete evolui para *language broker*, que qualifica um profissional que não fica na falsa noção de neutralidade mas assume que embora tenha um papel importante na mediação cultural entre os participantes, as suas intervenções são pensadas de forma a suavizar o seu impacto (Lopez, 2023; Lopez, 2019; Napier, 2023). Atualmente, é intermediada por bilíngues com formação profissional específica, pautada por princípios éticos, confidencialidade e respeito tanto para surdos quanto para ouvintes, consolidando-se como uma profissão madura e importante (Roy; Napier, 2015; Stone; Leeson, 2018).

2 O desafio de definir a interpretação

No decorrer da evolução da profissão de intérprete de língua de sinais, diversos modelos foram propostos com o intuito de interpretar. Dentre eles, destaca-se o modelo cognitivo, no qual a transposição é concebida como um ato puramente mental; o modelo de conduto, que busca minimizar os possíveis impactos da presença do intérprete durante a interpretação; e o modelo do facilitador de comunicação, no qual a presença do intérprete é reconhecida, mas deve ser atenuada para que não assuma protagonismo no encontro interpretado, entre outras concepções (Sherman; Barbara, 2005).

É importante observar que, apesar das nuances entre esses modelos, há um elemento comum essencial: intérpretes devem aderir a uma série de procedimentos específicos se desejarem desempenhar seu papel de forma profissional (Janzen, 2005). Esses protocolos, independentemente da perspectiva adotada, buscam assegurar uma prática interpretativa eficaz, ética e alinhada aos padrões estabelecidos no campo.

Gile (2004) delinea a interpretação como um processo desprovido de registro escrito, caracterizado pela expressão oral em línguas diversas, abarcando tanto línguas orais quanto línguas de sinais. Complementarmente, Pochhacker (2003) enriquece essa compreensão ao considerar a interpretação como uma forma de tradução que se desenrola em variados contextos, tais como jurídico e financeiro, entre outros, destacando a interação dinâmica entre esses domínios.

Nessa perspectiva, a interpretação emerge como um intrincado processo comunicativo que transcende fronteiras linguísticas, desempenhando um papel importante em contextos multifacetados. Essa abordagem abrangente permite uma compreensão mais holística da natureza da interpretação, contemplando sua variedade de aplicações e sua relevância em diversas esferas da comunicação humana.

Dentro da estrutura conceitual da Tradução, a interpretação pode ser distinguida de outros tipos de atividade de tradução de forma mais sucinta por sua imediação: em princípio, a interpretação é realizada 'aqui e agora' para o benefício de pessoas que desejam se engajar na comunicação através das barreiras da língua e cultura. ³ (Pochhacker, 2003, p: 10).

Uma interpretação, frequentemente caracterizada por restrições temporais e condições específicas, demanda a entrega precisa de mensagens em contextos diversos. A profissão de intérprete apresenta diversos aspectos distintivos, sendo o seu surgimento marcado pela distinção fundamental entre os profissionais da tradução, cujo foco recai sobre o texto escrito, e os intérpretes, que lidam diretamente com o "texto" gerado por pessoas em interação.

No entanto, ao considerarmos tradutores e intérpretes de línguas de sinais, observamos a possibilidade de realizar traduções a partir de textos escritos, gravados em vídeo ou áudio, enquanto a sinalização resultante é também registrada. Os intérpretes de línguas de sinais destacam-se pela habilidade de operar simultaneamente, particularmente em contextos como escolas, ambientes de trabalho para pessoas surdas, hospitais, clínicas, canais de TV, entre outros, conforme será detalhadamente abordado a seguir.

A prática da interpretação emerge como um fenômeno comum entre comunidades ou indivíduos que compartilham diferentes línguas, seja oralmente ou por meio de línguas de sinais. Essa atividade, essencial para facilitar a comunicação intercultural, desempenha um papel vital na promoção da compreensão e colaboração entre diversos grupos linguísticos⁴.

Embora diversas abordagens permitam classificar os métodos de realização da

³Original: Within the conceptual structure of Translation, interpreting can be distinguished from other types of translational activity most succinctly by its immediacy: in principle, interpreting is performed 'here and now' for the benefit of people who want to engage in communication across barriers of language and culture.

⁴ Para uma discussão a respeito de definições sobre o termo 'interpretação', sugere-se o estudo Reflexões sobre a tipologia da interpretação de Línguas de Sinais, de Pereira (2015).

interpretação, considerando variáveis como o tempo ou o intervalo de entrega, é notável a presença recorrente da distinção entre interpretação simultânea e consecutiva, aplicável em contextos específicos como conferências e espaços comunitários (Pochhacker, 2003). A interpretação simultânea é caracterizada pelo intérprete que verbaliza sua tradução de forma simultânea à produção do discurso pelo interlocutor. Em contrapartida, na interpretação consecutiva, o intérprete realiza sua tradução após uma pausa estrategicamente proporcionada pelo interlocutor, permitindo a elaboração da tradução com base em anotações previamente feitas (Russel, 2005).

Essa dicotomia na realização da interpretação destaca-se como um elemento importante na compreensão da prática interpretativa, influenciando diretamente a eficácia e a dinâmica comunicativa nos diferentes cenários em que o processo interpretativo se desenrola. A interpretação pode ser analisada a partir de diversas concepções teóricas, abrangendo desde perspectivas sociológicas até a psicologia social e a psicologia cognitiva (Roy; Brunson; Stone, 2018). Segundo Frishberg (1990), a interpretação é compreendida como um ato comunicativo que demanda do indivíduo profundo conhecimento das duas línguas envolvidas, além de familiaridade com suas respectivas diferenças culturais. O intérprete deve possuir atributos como atenção aguçada, tato, capacidade de realizar julgamentos apropriados, demonstrar resistência e possuir senso de humor para eficazmente compreender e atuar nesse contexto.

Nesse contexto, a interpretação é, fundamentalmente, um ato comunicativo que implica o entendimento de como a informação é articulada por meio das estruturas de um processo discursivo dinâmico. Contudo, há regras que orientam essa prática, determinando a caracterização da interpretação em diversos contextos, como palestras, aulas, consultas médicas, psicológicas, entre outros espaços específicos (Roy, 2000). Essas diretrizes fundamentam-se na compreensão profunda do processo interpretativo, evidenciando sua complexidade e diversidade de aplicações em distintos domínios comunicativos.

O encontro interpretado se destaca pela dinamicidade inerente às interações, conforme abordado por Roy (2000) na perspectiva discursiva. Nesse contexto, a organização dos encontros interpretados é influenciada pelo número de participantes e pelas dinâmicas comunicacionais empregadas. Esta abordagem considera cenários variados, como auxílio na comunicação entre duas pessoas, como em reuniões entre

um professor e aluno, ou entre um advogado e cliente, bem como em grupos com uma língua comum e uma pessoa que fala outra língua, como em projetos de estudantes ou ambientes de trabalho, e até mesmo em situações em que uma única pessoa se comunica com muitas, como em palestras no ambiente profissional, acadêmico ou hospitalar.

A contribuição significativa do modelo discursivo de Roy (2000) reside na evidência da dinamicidade que permeia os encontros interpretados, transcendendo a classificação convencional que rotula os contextos simplesmente como educacionais, jurídicos, clínicos, entre outros. Conforme exemplificado pela autora, dentro de uma instituição educacional, um professor pode conduzir uma exposição prolongada, assemelhando-se a uma conferência, ou propor atividades em grupo aos alunos. Adicionalmente, situações específicas, como um estudante surdo em uma escola predominantemente ouvinte necessitando de assistência médica, implicariam características de interpretação clínica. Este modelo, portanto, oferece uma perspectiva mais abrangente e dinâmica na compreensão e categorização dos encontros interpretados.

Diante da considerável dinamicidade inerente ao trabalho interpretativo, torna-se imperativo observar alguns princípios orientadores referentes à condução de equipes de intérpretes. Como defendido por Hoza (2016),

Além disso, os intérpretes se beneficiam e devem gerenciar o processo de formação de equipes quando os intérpretes trabalham em equipes. Eles desempenham um papel único na interação, reconstruindo o significado e gerenciando a interação, ao mesmo tempo em que se esforçam constantemente para se manter saudáveis⁵ (Hoza, 2016, pág. 06).

3 Currículo e formação de intérpretes

O domínio de uma língua não implica necessariamente a capacidade de se tornar um intérprete, como advoga Grosjean (1997). É importante distinguir entre um indivíduo bilíngue e um intérprete, dado que este último necessita possuir conhecimento específico das formas de utilização profissional de suas línguas, contemplando propósitos, públicos e domínios específicos.

A prática da interpretação demanda a aplicação de métodos e estratégias para efetuar a transposição de sentido, conforme destacado por Napier (2016). Essa

⁵ Original: Furthermore, interpreters benefit from, and must manage, the teaming process when interpreters work in teams. They play a unique role in the interaction by re-constructing meaning and managing the interaction, and they must constantly strive to maintain healthy.

habilidade envolve o conhecimento aprofundado das línguas, culturas, estilos de tradução e, notavelmente, a utilização de adições, substituições e omissões. A busca por equivalentes implica diferentes estilos de tradução, podendo ser livre ou literal, dependendo do contexto e do objetivo do encontro comunicativo, conforme apontado por Metzger (1995, 1999).

A discussão sobre formação versus aptidão permeia o debate sobre a emergência de profissionais da interpretação. A aptidão pode ser percebida como inata ou como uma predisposição para determinado trabalho, ou ainda como um conjunto de habilidades a serem desenvolvidas, desde que os candidatos possuam ao menos parte das habilidades necessárias (Pöchhacker; Liu, 2015). Na história da interpretação, observa-se que, nas primeiras gerações de profissionais, a atuação parecia ser mais centrada na aptidão, mesmo sem formação específica, baseando-se principalmente na habilidade linguística e na aceitação para atuar (Roy; Napier, 2015; Takeda; Baigorri-Jalón, 2016).

Atualmente, no país, existem sete instituições públicas que oferecem formação superior em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS), exigindo a presença de professores universitários nesse contexto (Faria; Galán-Mañas, 2018). Entre essas instituições, algumas incluem disciplinas teóricas, práticas de tradução/interpretação e estágios obrigatórios. A discussão sobre o sujeito formador é abordada de forma transversal em debates como os propostos por Pagura (2014), que sugere a realização de tarefas de interpretação consecutiva como preparação para a interpretação simultânea.

Uma dimensão fundamental na formação de intérpretes é a abordagem ética, especialmente no que se refere à questão da confidencialidade. Ao longo do desenvolvimento da profissão de intérprete, o componente ético emergiu como um pilar essencial. A proximidade entre surdos e intérpretes não profissionais levou a intervenções excessivas nos assuntos da comunidade surda, restringindo sua autonomia decisória (Janzen; Korpiniski, 2005). Assim, a delimitação dos limites de conduta dos intérpretes tornou-se um tema recorrente em diversas fases e contextos durante a evolução de sua atuação (Takeda; Baigorri-Jalón, 2016).

Esse debate é frequentemente travado entre intérpretes de línguas de sinais e a comunidade surda, proporcionando valiosas contribuições. Por exemplo, a questão da confidencialidade é um elemento crítico na comunicação interpretada, exigindo a neutralidade por parte dos intérpretes. Contudo, a compreensão da neutralidade

muda quando consideramos que diversos fatores podem influenciar a comunicação interpretada, uma vez que a mera presença de uma terceira parte pode desencadear significados independentemente da qualidade do trabalho (Metzger, 1999). Não obstante, espera-se dos intérpretes um comportamento profissional, garantindo sigilo nas interações e atuando como uma ponte comunicacional para aprimorar a interação entre surdos e ouvintes, aprimorando, assim, a acessibilidade (Demers, 2005; Dickinson, 2017).

Para atender a essas expectativas, os intérpretes também devem considerar a perspectiva dos clientes surdos, utilizando o feedback como uma ferramenta para aprimorar tanto os aspectos linguísticos quanto às relações interpessoais entre surdos, ouvintes e intérpretes (Straty, 2005; Holcomb; Smith, 2018; Hauser; Finch; Hauser, 2008). Nesse contexto, Mindess (2014) contribui ao sugerir que, embora seja impossível eliminar totalmente a presença do intérprete, é vital tentar minimizar as marcas de sua participação.

Conforme enfatizado por Ferreira (2015), o processo de formação de um Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) abrange diversos agentes educativos e contextos. A concepção de formação, segundo Ferreira (2015), é delineada por meio de três cenários distintos: I) Formação comunitária (envolvendo contato informal com a comunidade surda e com serviços de interpretação); II) Formação em serviço (englobando a interação com colegas mais experientes e a imersão no cotidiano da prática profissional); III) Formação sistematizada (integrando conhecimento teórico e aplicação prática).

Dessa forma, o próprio educador deve manter uma constante atualização acerca das necessidades dos estudantes e das técnicas de ensino, como destaca Setton:

A necessidade de treinamento de professores - 'treinamento de treinadores' (ToT) - foi amplamente reconhecida apenas em tempos recentes, e agora está se tornando mais urgente com, por um lado, a aposentadoria da segunda geração (baby boomer) de autodidatas (e muitas vezes orgulhosos) treinadores-praticantes⁶ (Setton, 2016, p: 15).

A imperiosidade da formação emerge como um elemento importante para todos os integrantes da comunidade de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras), englobando desde alunos iniciantes até profissionais experientes e

⁶Original: The need for teacher training – ‘training of trainers’ (ToT) – has been widely acknowledged only quite recently, and is now becoming more urgent with, on the one hand, the retirement of the second (baby-boomer) generation of self-made (and often proud) trainer-practitioners.

formadores. Uma análise pedagógica abrangente permeia o debate sobre a viabilidade de indivíduos bilíngues ingressarem profissionalmente na interpretação mediante uma formação específica (Cui; Zhao, 2015; Krawutschke, 2008; Tennent, 2005). Para além de aspectos cruciais, como qualidade na comunicação, fidelidade na tradução, compreensão de discursos especializados, modelos cognitivos, memória e capacidade de processamento, um curso de formação para tradutores e intérpretes deve propiciar a assimilação da estratégia de interpretação como uma atividade prática (Gile, 2009).

Nesse sentido, a formação deve apresentar um currículo adequado, abordar uma discussão pedagógica, estabelecer critérios para a seleção de participantes e desenvolver uma metodologia de ensino que abranja as diversas fases do aprendizado, incluindo interpretação consecutiva e simultânea. Além disso, é de grande valor incorporar uma reflexão sobre o papel das línguas no currículo, questões vinculadas à realidade do trabalho de interpretação, bem como temas de profissionalismo, ética, avaliação e certificação (Setton; Dawrant, 2016b, 2016a).

Tal abordagem se justifica pela natureza complexa dos processos de tradução e interpretação. Além de ensinar técnicas (Nolan, 2005) e modalidades de interpretação reconhecidas, como a consecutiva (Gillies, 2019; Tang, 2018) e a simultânea (Setton; Dawrant, 2016b, 2016b), a formação deve reconhecer e explorar com os estudantes os aspectos altamente interativos que permeiam a comunicação interpretada, concebendo-a como um diálogo dinâmico, e não meramente uma comunicação estática.

A estrutura curricular também é objeto de discussão nos programas de formação de intérpretes de línguas de sinais (Roy, 2018). Técnicas e conhecimentos dentro da modalidade bimodal são contemplados, assim como questões relacionadas às técnicas de observação, mapeamento do discurso (Winston; Monikowski, 2002), expressões referenciais (Swabey, 2002), interação (METZGER, 2002), omissões nas interpretações (Napier, 2002) e conhecimento linguístico, que desempenha um papel importante na transposição de significados (Mcdermid, 2018; Taylor, 1993), entre outros temas (Marschark, 2005). Em meio a esses fatores, é particularmente relevante buscar estratégias para que os intérpretes de línguas de sinais, como a Libras, estejam próximos da comunidade surda (Shaw, 2013).

Assim, ao planejar a formação de intérpretes de Libras, é imprescindível considerar a diversidade dos contextos de atuação. O ambiente escolar, desde a

educação infantil até o ensino superior, figura como o cenário mais frequente, abrangendo desde cursos livres até palestras e conferências, com a interpretação em sala de aula entre alunos e professores sendo a prática mais comum (Lacerda, 2012). Outro domínio emergente é o da saúde, onde os intérpretes podem atuar em consultórios médicos, odontológicos e psicoterapêuticos, entre outros ambientes médicos (Ringo, 2017). A esfera midiática também se configura como um campo de atuação, com intérpretes desempenhando papéis em programas de TV, telejornais e debates, em conformidade com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015 (Brasil, 2015) (Terceurio, 2015). Similarmente, no contexto legal, intérpretes têm presença em tribunais e delegacias (Reckellber; Santos, 2019). Destaca-se que existem outros âmbitos de atuação, mas esses são aqueles que estão emergindo e ganhando maior visibilidade no contexto atual.

5 Aspectos linguísticos e tradutórios

Autores como Hoza (2016) sustentam que os intérpretes não abordam palavras individualmente ou em frases, mas concentram-se em unidades maiores ou agrupamentos de sentido a fim de realizar a interpretação. No entanto, Baker (2017) argumenta que, para fins didáticos no ensino da habilidade de tradução escrita, a separação por níveis linguísticos da palavra, da frase e do discurso pode ser adotada. Manuais que abordam a interpretação em línguas orais, conforme destacado por Nolan (2005), incorporam elementos linguísticos em exercícios que englobam a ordem das palavras, bem como estruturas sintáticas de diversas complexidades.

A linguística também desempenha um papel fundamental na formação de intérpretes de línguas de sinais. Taylor (2002) explora vocabulário, classificadores, espaço e gramática em seu livro sobre interpretação do inglês para a *American Sign Language* (ASL). Outro exemplo notável é o trabalho de McDermid (2018), que, após abordar conceitos fundamentais como interpretação, transliteração e a dinamicidade entre equivalentes tradutórios, estrutura seu manual de formação em interpretação de língua de sinais em torno de questões linguísticas. Dentre essas questões, incluem-se referência anafórica e catafórica, orações relativas, orações preposicionais, tipos de verbos, semântica abordando polissemia e homonímia, pragmática, entre outros.

No contexto mencionado, conforme enfatizado por Roy et al. (2018), a linguística desempenha um papel de valor na configuração da interpretação,

proporcionando uma base que permite uma reflexão sobre os fenômenos linguísticos dentro do contexto de suas diversas camadas de análise,

A história é testemunha da presença contínua de intérpretes em todo o mundo. Com frequência atuando em funções duplas, clérigos, soldados ou assistentes sociais provavelmente se envolvem na interpretação para garantir o entendimento entre diferentes pessoas. Os intérpretes mais proficientes foram aqueles que estudaram os fundamentos da linguagem em diferentes níveis, incluindo palavras, frases e sentenças. Sem uma base de linguística comparada - que está sempre presente nos ET, na análise do discurso e na interpretação - muitos de nossos desenvolvimentos teóricos como um campo interdisciplinar não teriam as raízes fortes que deram os frutos que agora desfrutamos.⁷(Roy *et. al.*; 2018, p: 77)

Roy *et al.* (2018) dedicam um capítulo à análise do papel da linguística na interpretação, traçando um percurso através das diversas formas de estudar a linguística. Esse trajeto inicia-se nas estruturas fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas e semântico-pragmáticas, para, posteriormente, adentrar a esfera do discurso e outras áreas afins. A pesquisa linguística é posicionada como uma das fundamentais bases teóricas que sustentam a capacidade de interpretação, juntamente com disciplinas como Antropologia, Psicologia Social, Psicologia Cognitiva, História e Estudos da Tradução.

Roy (2000), por sua vez, apresenta uma discussão relevante sobre a comunicação interpretada, utilizando a análise do discurso, enquanto Napier (2016) concentra-se na sociolinguística, examinando as omissões nas interpretações como estratégias linguísticas empregadas pelos intérpretes. O processo de interpretação é, portanto, complexo, e nesse sentido Hoza (2016) sintetiza-o da seguinte maneira:

1. abandonar a forma da linguagem (comumente chamada de forma abandonada) e se apegar a uma representação mental do significado, em vez de ser muito literal em sua interpretação,
2. monitorar o processo de interpretação, o produto TL e o feedback externo (dicas ou entrada) daqueles que recebem a versão TL e de um intérprete da equipe,
3. gerenciar a atenção, ou esforços (termo de Gile), em relação aos vários estágios do processo de interpretação (incluindo o gerenciamento da memória de curto prazo e um esforço de coordenação),
4. usar os recursos disponíveis (conhecimento linguístico e extralinguístico, bem como estratégias, táticas, recursos informacionais e habilidades de gerenciamento) para gerenciar as restrições no processo de interpretação (como restrições de tempo, a posse de informações limitadas e as questões

⁷Original: History is witness to the ongoing presence of interpreters worldwide. Often functioning in dual roles, clerics, soldiers, or welfare workers likely engaged in interpreting to ensure different people understood each other. The most proficient interpreters were those who studied the fundamentals of language at different levels, including words, phrases, and sentences. Without a foundation of comparative linguistics— which is ever present in TS, discourse analysis, and interpreting— many of our theoretical developments as an interdisciplinary field would not have had the strong roots that have borne the fruits we now enjoy.

relacionadas à logística),

5. reconhecer a importância da preparação, das considerações ambientais e dos próprios filtros pessoais em seu trabalho de interpretação, e

6. determinar se deve ser usada interpretação consecutiva ou interpretação simultânea (SI) como o modo mais eficaz para produzir a interpretação (Hoza, 2016, p: 24).⁸

O sequenciamento do processo de interpretação é de extrema utilidade para intérpretes, pois eles precisam analisar exatamente quais questões da interpretação necessitam ser reforçadas. Para a realização do trabalho de interpretação é imperativo que o indivíduo detenha conhecimento das línguas envolvidas (Quadros, 2004). Esse conhecimento pode derivar das línguas a que os intérpretes tiveram exposição durante sua formação, podendo incluir casos nos quais o acesso à língua de sinais ocorreu desde a infância, especialmente no contexto de filhos de pais surdos. Estes, aliás, desempenharam um papel significativo na construção da profissão de intérprete de Libras, conforme evidenciado por Silva (2016) e Quadros (2017).

Quando a interpretação envolve uma língua de sinais e uma língua oral, a modalidade pode impor condições específicas. É comum observar um intérprete de língua de sinais no palco, enquanto seu colega permanece na plateia, na primeira fila. À medida que a palestra avança, a interpretação deve ocorrer simultaneamente, semelhante ao processo entre línguas orais em uma cabine. No entanto, durante a condução da interpretação, é de grande valor contar com o apoio e o feedback do colega na plateia, que pode fornecer informações visuais relevantes, dada a posição do colega no palco, próximo ao palestrante (Janzen, 2005; Marschark, 2005). Esse cenário pode variar conforme o ambiente e a tecnologia, permitindo que os intérpretes atuem em uma cabine ou de forma remota (Napier; Skinner; Braun, 2018). Além disso, tanto na modalidade sinalizada quanto na oral-auditiva, a troca frequente de intérpretes é essencial para preservar a saúde do profissional e garantir a qualidade do trabalho. A interpretação pode ocorrer em diversos contextos, sendo

⁸ Original: 1. dropping the form of the language (commonly called *dropping form*) and holding on to a mental representation of meaning, as opposed to being too literal in one's interpretation,

2. monitoring the interpreting process, the TL product, and external feedback (cues or input) from those receiving the TL rendition and from a team interpreter,

3. managing one's attention, or efforts (Gile's term), regarding the various stages of the interpreting process (including management of one's short-term memory and a coordinating effort),

4. using available resources (linguistic and extra-linguistic knowledge as well as strategies, tactics, informational resources, and management skills) to manage constraints on the interpreting process (such as time restrictions, having limited information, and issues related to logistics),

5. recognizing the importance of preparation, environmental considerations, and one's own personal filters on one's interpreting work, and

6. determining whether to use consecutive interpretation or simultaneous interpretation (SI) as the most effective mode for producing the interpretation.

comum no ambiente educacional, médico, legal, religioso, comunitário (reuniões, acompanhamentos e mídia), cada um exigindo adaptações e técnicas específicas às suas peculiaridades (Angelelli, 2004; Janzen, 2005; Pöchhacker, 2004; Seal, 1998). Dadas as circunstâncias, os intérpretes precisam tomar decisões de natureza tradutória, como a omissão ou explicitação de conceitos no discurso para determinada audiência surda ou ouvinte (Janzen, 2005; Napier, 2016). Além disso, é essencial antecipar o discurso por meio de pesquisa e durante a sua apresentação, a fim de prever o léxico a ser utilizado (Vandepitte, 2001).

A Libras é uma língua natural, moldada pela disposição humana para a aquisição, organização e processamento da linguagem. As línguas de sinais são instrumentos de identidade para a comunidade surda, desempenhando um papel essencial no ensino e na aprendizagem (Napier; Leeson, 2016) e sendo consideradas fortes marcadores culturais surdos (Ladd, 2003). Do ponto de vista estrutural, as línguas de sinais seguem a mesma organização das línguas orais, embora sejam produzidas na modalidade visuoespacial, em oposição à modalidade oral-auditiva das línguas orais, e estejam estruturadas nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático (Brentari, 1998, 2010; Pfau; Steinbach; Woll, 2012; Quadros; Karnopp, 2004).

As línguas de sinais têm a capacidade de refletir tanto o pensamento literal quanto o metafórico (Wilcox, 2000), apresentando uma forte iconicidade, possibilitando visualizar a forma como o sinal se refere ao seu significado (Emmorey, 2014; Taub, 2001). Além disso, do ponto de vista sociolinguístico, as línguas de sinais apresentam variações linguísticas influenciadas por aspectos como idade, gênero e região, assim como as línguas orais (Lucas; Bayley; Valli, 2001). Essas línguas sofrem interferência do contato com línguas orais, e um exemplo notável disso é o alfabeto manual, que representa a escrita da língua oral, não abrangendo todo o léxico das línguas de sinais (Reagan, 2004).

Do ponto de vista linguístico, a interpretação demanda esforços em vários segmentos das línguas envolvidas. Isso inclui o conhecimento das propriedades nos níveis fonético, fonológico, morfológico e sintático (Johnston; Schembri, 2007; Quadros; Karnopp, 2004; Sutton-Spence; Woll, 1999; Valli; Lucas, 2000), o domínio das características prosódicas das línguas de sinais, capazes de transmitir nuances de sentido (Nicodemus, 2009), e a compreensão da interação entre línguas de sinais e línguas orais do ponto de vista sociolinguístico (Lucas, 2001, 2002; Lucas; Schembri,

2015). Além disso, é indispensável compreender como o significado é construído dentro da literatura surda (Sutton-Spence, 2010; Sutton-Spence; Kaneko, 2017) e ter consciência de outros aspectos culturais (Ladd, 2003).

Nesse sentido, não é suficiente apenas conhecer os aspectos da cultura surda. Para realizar uma tradução de qualidade, é essencial prestar atenção às estratégias culturais de tradução, que podem ser assimiladas por meio da observação e convivência com a cultura surda. Por exemplo, Stone (2009) estudou as estratégias de tradução empregadas por tradutores surdos, considerando a organização do discurso em conformidade com as necessidades de adaptação baseadas em suas próprias experiências culturais. Outro trabalho relevante é o de Mindess (2014), que destaca a importância do conhecimento da cultura para interpretações, levando em consideração como formas coletivas de organização da comunidade influenciam o discurso. Por exemplo, a autora menciona que, ao chegar atrasado a uma sala de aula, é esperado que as explicações sobre o motivo do atraso sejam compartilhadas para suprir a falta de informações dentro da cultura surda. Também são dados exemplos de encontros interpretados em locais de trabalho, nos quais intérpretes lidaram com respostas mais diretas por parte de um candidato surdo para a pergunta sobre o motivo de querer trabalhar na empresa. Em vez da resposta esperada, relacionada à oportunidade de colaboração e aprendizado, respostas como "desejo o plano dentário" eram mais frequentes. Além disso, destaca-se como uma reunião com um professor universitário pode tornar-se confusa ao avaliar a atividade de um aluno surdo se for feita uma interpretação de toda a forma longa geralmente utilizada entre ouvintes americanos, ao contrário do que normalmente ocorre entre surdos, que preferem respostas mais diretas, o que pode simbolizar confiança mútua. Esses são apenas alguns exemplos que destacam a importância do conhecimento cultural na interpretação entre surdos e ouvintes.

5 A sustentação cognitiva

Conforme previamente mencionado, no processo de interpretação, é imprescindível direcionar atenção às diferenças linguísticas e culturais entre os participantes da interação. Além disso, é vital observar as informações visuais provenientes de uma apresentação, revisar as notas terminológicas preparadas antecipadamente, analisar as observações por escrito feitas pelo colega ao lado e, quando possível, obter feedback da plateia ou do palestrante (Pöchhacker, 2004;

Roy; Brunson; Stone, 2018; Russel, 2005).

Uma das discussões que emergiu a partir da origem da profissão de intérprete aborda a questão fundamental sobre se as habilidades necessárias para a interpretação são inerentes às pessoas, ainda que em um nível mais básico, ou se é possível formar um intérprete (Pöchhacker; Minhua, 2014). Embora não haja uma conclusão definitiva para essa indagação, existe uma busca contínua por certos aspectos cognitivos presentes em intérpretes de línguas orais (Timarova; Salaets, 2014) e de língua de sinais (SHAW, 2014). O objetivo é identificar características cognitivas que os capacitem a se tornarem intérpretes no futuro (Zhao; Chen; Cai, 2022).

Chabasse e Kader (2014) destacam competências cognitivas, denominadas pelos autores como: ser falante nativo de uma língua, ser estrangeiro na segunda língua, possuir habilidades para lidar com diferenças culturais e deter um sólido conhecimento geral. Do ponto de vista cognitivo, esses autores também abrangem habilidades como fluência na articulação de palavras, compreensão verbal, raciocínio aguçado, boa memória e rapidez na percepção do que é falado nas línguas de trabalho. No tocante aos aspectos não cognitivos, destacam-se características como determinação, estamina, concentração e resistência ao estresse, além da necessidade de possuir uma personalidade flexível, habilidade de comunicação, confiança e aptidão para o trabalho em grupo.

Ainda sob a perspectiva cognitiva, conforme Seleskovitch e Lederer (1989), os processos mentais que compõem a interpretação envolvem visualização, reação (com anotações mentais do que se está ouvindo), associação com as memórias da intérprete e, por fim, identificação da estrutura lógica da apresentação.

1. visualize as situações tanto quanto possível, 2. reaja a tudo que escuta (fazendo uma anotação mental de tudo que foi ouvido), 3. associe o que é escutado às próprias memórias (ajudando a ancorá-las na memória de forma mais eficiente) e 4. Identifique a estrutura lógica da apresentação (estrutura do discurso). (Seleskovitch, Lederer, 1989, p: 63)⁹

Para Cokely (1992), por sua vez, o processo de interpretação concentra alguns subprocessos cujos principais estágios se sobrepõem, os quais são descritos como:

(1) recepção de mensagem, (2) processamento preliminar, (3)

⁹ Original: 1. *visualize* situations as much as possible, 2. *react* to everything heard (making a mental note of everything heard), 3. *associate* what is heard with one's own memories (helping to anchor these in memory more efficiently), and 4. *identify the logical structure* of the presentation (discourse structure).

retenção de mensagem de curto prazo, (4) realização de intenção semântica, (5) determinação de equivalência semântica, (6) formulação de mensagem sintática e (7) produção de mensagem (Cokely, 1992, p: 128).¹⁰

Conforme Hoza (2016), o processo de interpretação compreende a construção do sentido, a gestão do processo interpretativo - que envolve a decisão de interpretar um sentido já construído na mente e mantido na memória - e, por fim, a subsequente construção do sentido pretendido na língua de chegada. Em resumo, segundo esse autor, o processo resume-se à atenção, análise, representação de sentido, planejamento na língua-alvo e produção da interpretação. Esse procedimento implica a separação entre o sentido e a forma das palavras na língua-fonte, priorizando o entendimento em detrimento da interpretação literal. Simultaneamente, é imperativo monitorar a interpretação, bem como as informações provenientes de colegas que possam oferecer suporte, além de outras informações linguísticas e extralinguísticas que possam contribuir para o sentido. Isso implica o controle cuidadoso da utilização da atenção durante o processo de interpretação, em constante busca por recursos, estratégias e informações úteis. Sobre os modelos de interpretação, Hoza (2016) defende que

Embora esses modelos difiram em alguns aspectos importantes, tomados como um todo, eles descrevem o processo de interpretação cognitiva como envolvendo (1) cuidar do LS, (2) analisar o LS quanto a significado, (3) representar significado na mente, (4) planejar como expressar o significado no TL e, por fim, (5) produzir a interpretação (Hoza, 2016, p: 24).¹¹

Compreender profundamente os processos cognitivos é importante para os tradutores e intérpretes simultâneos, uma vez que suas atividades exigem um equilíbrio intrincado entre habilidades linguísticas e cognitivas.

Considerações finais

No presente estudo, foi oferecida uma análise detalhada da prática da interpretação, com uma atenção especial voltada ao contexto bimodal do bilinguismo em línguas de sinais. Ao contextualizar a formação de Tradutores e Intérpretes de

¹⁰Original: (1) message reception, (2) preliminary processing, (3) short-term message retention, (4) semantic intent realization, (5) semantic equivalence determination, (6) syntactic message formulation, and (7) message production

¹¹Original: Although these models differ in some important respects, taken as a whole, they describe the cognitive interpreting process as involving (1) *attending* to the SL, (2) *analyzing* the SL for meaning, (3) *representing* meaning in the mind, (4) *planning* how to express meaning in the TL, and, lastly, (5) *producing* the interpretation.

Línguas de Sinais (TILS) sob uma perspectiva histórica, linguística e cognitiva, este artigo ressalta a importância de uma abordagem multidisciplinar para a formação desses profissionais. Foi destacada a relevância de considerar não apenas os aspectos linguísticos, mas também os fundamentos cognitivos subjacentes à interpretação.

O entendimento profundo dos processos cognitivos emergiu como importante para os tradutores e intérpretes simultâneos, especialmente diante das demandas complexas de suas atividades. A interpretação simultânea, em particular, exige habilidades excepcionais de processamento instantâneo, coordenação linguística e atenção dividida. A pesquisa exploratória sobre os efeitos da cognição na tradução e interpretação enriquece nossa compreensão sobre como esses profissionais utilizam mecanismos cognitivos para superar desafios linguísticos, destacando a importância da memória de trabalho, atenção seletiva e tomada de decisão.

Essa compreensão mais profunda não apenas contribui para o desenvolvimento de estratégias de treinamento mais eficazes, mas também promove melhorias no desempenho profissional, representando um avanço significativo na teoria e prática dessas disciplinas. O presente artigo fornece um ponto de partida para futuras pesquisas e reflexões sobre a interpretação bimodal e seus fundamentos cognitivos.

REFERÊNCIAS

- ANGELELLI, Claudia V. *Medical Interpreting and Cross-cultural Communication*. 2004. 169 p.
- BAIGORRI JALÓN, Jesús; MIKKELSON, Holly; OLSEN, Barry Slaughter. *From Paris to Nuremberg: the birth of conference interpreting*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 2014.
- BAKER, Mona. *In other words: a coursebook on translation*. Third edition. Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, 2017.
- BELEM G. LÓPEZ. Divergence and overlap in bilingual conceptual representation: does prior language brokering experience matter? *Bilingualism: Language and Cognition*: page 1 of 12 Cambridge University 2023.
- BELEM G. LÓPEZ. Incorporating language brokering experiences into bilingualism research: *An examination of informal translation practices*, 2019.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 6 jul. 2015.
- BRENTARI, Diane. *A prosodic model of sign language phonology*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1998. (Language, speech, and communication).

COKELY, Dennis. Shifting Positionality: A Critical Examination of the Turning Point in the Relationship of Interpreters and the Deaf Community. In: *Sign language interpreting and interpreter education directions for research and practice*. Oxford University Press, 2005.

CUI, Ying; ZHAO, Wei (org.). *Handbook of Research on Teaching Methods in Language Translation and Interpretation*: [S. l.]: IGI Global, 2015. (Advances in Educational Technologies and Instructional Design).

DEMERS, Hubers. The working interpreter. In: *Topics in signed language interpreting*. Benjamin's Translation Library, EST Subseries, v. 63. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamin's Pub. Co, 2005.

DICKINSON, Jules. Signed language interpreting in the workplace. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2017. (*Studies in interpretation*, v. volume 15).

EMMOREY, Karen. Iconicity as structure mapping. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, [s. l.], v. 369, n. 1651, p. 20130301–20130301, 2014.

FARIA, Juliana; GALAN-MANAS, Anabel. *Um estudo sobre a formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais*. Trab. linguist. apl., Campinas, v. 57, n. 1, p. 265-286, abr.2018.

FERREIRA, Aline; SCHWIETER, John W. (org.). *Psycholinguistic and Cognitive Inquiries into Translation and Interpreting*. Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, 2015. (Benjamin's Translation Library). v. 115

FERREIRA, Daiane. *Estudo comparativo de currículos de cursos de formação de tradutores e intérpretes de libras português no contexto brasileiro*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, SC, 2015. 182 p.

FRISHBERG, Nancy. *Interpreting: An Introduction*. Published by Registry of Interpreters for the Deaf, Inc., 2015

GILE, Daniel. *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. Rev. eded. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin's Pub. Co, 2009. (Benjamin's translation library, EST suberies, v. v. 8).

GILE, Daniel. *Translation Research versus Interpreting Research: Kinship, Differences and Prospects for Partnership*. In: SCHÄFFNER, Christina (ed.). *Translation Research and Interpreting Research: Traditions, Gaps and Synergies*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2004. p. 10-43

GILLIES, Andrew. *Consecutive interpreting: a short course*. London; New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2019. (Translation practices explained).

GROCE, Nora Ellen. *Everyone Here Spoke Sign Language Hereditary Deafness on Marta's Vineyard*. United States: Library of Congress, 1985.

GROSJEAN, François. (1997a). *Processing mixed language: Issues, findings, and models*, in A. M. B. de Groot and Judith. F. Kroll (eds.) *Tutorials in Bilingualism: Psycholinguistic Perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 225–54.

HAUSER, Peter C.; FINCH, Karen L.; HAUSER, Angela B. (org.). *Deaf professionals and designated interpreters: a new paradigm*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2008.

HOLCOMB, Thomas K.; SMITH, David H. (org.). *Deaf eyes on interpreting*. Washington: Gallaudet University Press, 2018.

HOZA, Jack. *Interpreting in the zone: how the conscious and unconscious function in interpretation*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2016.

JANZEN, Terry (org.). *Topics in signed language interpreting: theory and practice*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamin's Pub. Co, 2005. (Benjamin's translation library, EST subseries, v. v. 63).

JANZEN, Terry; KORPINISKI, Donna. Ethics and professionalism in interpreting. In: *Topics in signed language interpreting*. [S. l.]: Benjamin's Translation Library, EST Subseries, v. 63. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamin's Pub. Co, 2005.

JOHNSTON, Trevor A.; SCHEMBRI, Adam. *Australian sign language (Auslan): an introduction to sign language linguistics*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2007.

KRAWUTSCHKE, Peter W. *Translator and interpreter training and foreign language pedagogy*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin's Pub., 2008.

LACERDA, C. B. F. *Intérprete de Libras: Em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Editora Mediação. Porto Alegre: 2012.

LADD, Paddy. *Understanding deaf culture: in search of deafhood*. Clevedon, England; Buffalo: Multilingual Matters, 2003.

LUCAS, Ceil (org.). *The sociolinguistics of sign languages*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2001.

LUCAS, Ceil; BAYLEY, Robert; VALLI, Clayton. *Sociolinguistic variation in American sign language*. Washington, D.C: Gallaudet University Press, 2001. (The sociolinguistics in Deaf Communities, v. 7).

LUCAS, Ceil; SCHEMBRI, Adam (org.). *Sociolinguistics and deaf communities*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.

MARSCHARK, Marc (org.). *Sign language interpreting and interpreter education: directions for research and practice*. New York: Oxford University Press, 2005. (Perspectives on deafness).

MCDERMID, Campbell. *Learning to interpret: working from English into American Sign Language*. Rochester, New York: RIT Press, 2018.

METZGER, Melanie. Interpreted Discourse: Learning and Recognizing What Interpreters Do in Interaction. In: *Advances in teaching sign language interpreters*. Washington, D.C: Cynthia B. Roy, 2002.

METZGER, Melanie. *Sign language interpreting: deconstructing the myth of neutrality*. Washington, D.C: Gallaudet University Press, 1999.

MINDESS, Anna. *Reading between the signs: intercultural communication for sign language interpreters*. Third editioned. Boston: Intercultural Press, A Nicholas Brealey Publishing Company, 2014.

NAPIER, Jemina. Linguistic coping strategies in sign language interpreting. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2016. (*Studies in interpretation*, v. volume14).

NAPIER, Jemina. Teaching Interpreting Students to Identify Omission Potential. In: *Advances in teaching sign language interpreters*. Washington, D.C: Cynthia B. Roy, 2002.

NAPIER, Jemina; LEESON, Lorraine. *Sign Language in Action*. London: PalgraveMacmillan UK, 2016.

NAPIER, Jemina; SKINNER, Robert; BRAUN, Sabine (org.). *Here or There: Research on Interpreting via Video Link*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2018.

NAPIER, J. *Sign Language Brokering in Deaf-Hearing Families*, 2023

NICODEMUS, Brenda. Prosodic Markers and Utterance Boundaries in American Sign Language Interpretation. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2009. (*Studies in Interpretation*, v. VOLUME 5).

NOLAN, James. Interpretation: techniques and exercises. Buffalo: *Multilingual Matters*, 2005. (Professional interpreting in the real world).

ORMEL E, GIEZEN MR, VAN HELL JG (2022). Cross-language activation in bimodal bilinguals: Do mouthings affect the co-activation of speech during sign recognition? *Bilingualism: Language and Cognition* 1–9.

PAGURA, R. J. Formação de intérpretes: a consecutiva como base da simultânea. *Tradterm*, [S. l.], v. 23, p. 109-120, 2014.

PFAU, Roland, STEINBACH ,Markus, e WOLL Bencie., orgs. *Sign Language: An International Handbook*. HandbücherZurSprach- Und Kommunikationswissenschaft; Handbooks of Linguistics and Communication Science, Bd. 37 = Bd. 37. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2012.

PÖCHHACKER, Franz. *Introducing interpreting studies*. London; New York: Routledge, 2003.

PÖCHHACKER, Franz; LIU, Minhua (org.). *Aptitude for interpreting*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 2015. (Benjamin's current topics, v. volumes 68).

PÖCHHACKER, Franz; MINHUA, Liu. Introduction: Aptitude for interpreting. In: *Aptitude for interpreting*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 2014.

QUADROS, Ronice Müller de. *O Tradutor e Intérprete de Libras e Língua Portuguesa*, Programa Nacional de apoio à educação de surdos, 2004, Brasília: MEC; SEESP, (2004).

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir, Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2004.

REAGAN, Timothy. Turn-taking, fingerspelling, and contact in signed languages., 2004.

ROY, Brunson & Stone (2018): *The academic foundations of interpreting studies: An introduction to its theories*

RECKELBERG, S.; SANTOS, S. A. *Intérpretes de Libras-Português: dificuldades e desafios no contexto jurídico*. RevistaSinalizar, Goiânia, v. 4, 2019

RUSSEL, Debra. Consecutive and simultaneous interpreting. In: *Topics in signed language interpreting its theory and practice*. [S. l.: s. n.], 2005. v. Benjamins Translation Library, EST Subseries, v. 63. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins Pub. Co.

RINGO, B. J. *Ei, aquele é o intérprete de Libras? Atuação de intérpretes de Libras no contexto da saúde*. Dissertação de MestradoUfsc 2017.

ROY, Cynthia B.; BRUNSON, Jeremy L.; STONE, Christopher. *The academic foundations of interpreting studies: an introduction to its theories*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2018.

ROY, Cynthia B.; NAPIER, Jemina (org.). *The Sign Language Interpreting studies reader*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 2015. (Benjamin's translation library, v. 117).

RUSSEL, Debra. Consecutive and simultaneous interpreting. In: *Topics in signed language interpreting its theory and practice*. [S. l.: s. n.], 2005. v. Benjamin's Translation Library, EST Subseries, v. 63. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamin's Pub. Co.

SEAL, Brenda Chafin. *Best practices in educational interpreting*. Boston: Allyn& Bacon, 1998.

SETTON, Robin; DAWRANT, Andrew. *Conference Interpreting – A Complete Course*. Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, 2016a. (Benjamin's Translation Library). v. 120

SETTON, Robin; DAWRANT, Andrew. *Conference Interpreting – A Trainer's Guide*. Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, 2016b. (Benjamin's Translation Library). v. 121

SHAW, Sherry. Cognitive and motivational contributors to aptitude: a study of spoken and signed language interpreting students. In: *Aptitude for interpreting*. Amsterdam / Philadelphia: J. Benjamin's Pub. Co, 2014.

SHERMAN, Wilcox; BARBARA, Shaffer. Towards a cognitive model of interpreting. In: *Topics in signed language interpreting: theory and practice*. [S. l.]: Benjamin's Translation Library, EST Subseries, v. 63. Amsterdam ; Philadelphia: J. Benjamin's Pub. Co, 2005.

SILVA, Maitê. *Codas Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira: percurso para o profissionalismo*. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 2016.

STONE, Christopher; LEESON, Lorraine (org.). *Interpreting and the politics of recognition*. London; New York: Routledge, 2018. (The IATIS yearbook).

STRATY, Angela. Best practices in interpreting: A Deaf community perspective. In: *Topics in signed language interpreting its theory and practice*. [S. l.]: Benjamin's Translation Library, EST Subseries, v. 63. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamin's Pub. Co, 2005.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Analysing sign language poetry*. Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010.

SUTTON-SPENCE, Rachel; KANEKO, Michiko. *Introducing Sign Language Literature: Folklore and Creativity*. [S. l.: s. n.], 2017.

SUTTON-SPENCE, Rachel; WOLL, B. *The linguistics of British Sign Language: an introduction*. Cambridge, UK: New York: Cambridge University Press, 1999.

SWABEY, Laurie. *Beyond He Said, She Said: the challenge of referring Expressions of Interpreting Students*. In: *Advances in teaching sign language interpreters*. Washington, D.C: Cynthia B. Roy, 2002.

TAKEDA, Kayoko; BAIGORRI-JALÓN, Jesús (org.). *New Insights in the History of Interpreting*. Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, 2016. (Benjamin's Translation Library). v. 122

TANG, Fang. *Explicitation in Consecutive Interpreting*. Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, 2018. (Benjamin's Translation Library). v. 135

TAUB, Sarah F. *Language from the body: Iconicity and metaphor in American Sign Language*. [S. l.]: Cambridge University Press, 2001.

TAYLOR, Marty M. *Interpretation skills: English to American Sign Language*. Edmonton: Interpreting Consolidated, 1993.

TENNENT, Martha (org.). *Training for the new millennium: pedagogies for translation and interpreting*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamin's, 2005. (Benjamin's translation library, EST subseries, v. v. 60).

TERCEIRO, Francisco. *Políticas de inclusão bilíngue na televisão: a importância do intérprete de Libras em detrimento do uso de legendas para a acessibilidade televisiva – um estudo exploratório*. Tradutor: Felipe Fontana¹⁷ Revista Florestan – dos alunos de graduação em Ciências Sociais da UFSCar Ano 2. Edição Especial 1 – 2015.

TIMAROVA, Sarka; SALAETS, Heidi. Learning styles, motivation and cognitive flexibility in interpreter training: Self-selection and aptitude. In: *Aptitude for interpreting*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 2014.

VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 3rd eded. Washington, D.C: Gallaudet University Press, 2000.

VANDEPITTE, Sonia. *Anticipation in conference interpreting: a cognitive process*. Revista Alicantina de Estudos Ingleses, [s. l.], n. 14, p. 323–335, 2001.

ZHAO N, CHEN X, CAI ZG (2022). Planning ahead: Interpreters predict source language in consecutive interpreting. *Bilingualism: Language and Cognition* 1–15.

WILCOX, Phyllis Perrin. *Metaphor in American Sign Language*. Washington, D.C: Gallaudet University Press, 2000.

WINSTON, Elizabeth; MONIKOWSKI, Christine. *Discourse Mapping: The GPS of Translation*. In: *Advances in teaching sign language interpreters*. Washington, D.C: Cynthia B. Roy, 2002.